

# PERCEPÇÃO: UM SENSÍVEL CAMINHO DE CONHECIMENTO HISTÓRICO

MARIA DENISE BORTOLINI\*

**O**uvindo, cheirando, tocando, vendo, provando, movendo-se, nominando, o homem se torna conhecedor do mundo que o cerca. Pelos sentidos, insere-se e constrói seu mundo - o mundo vivido.

A percepção oferece um acesso ao mundo dos objetos práticos e instrumentais, isto é, orienta para a ação cotidiana e para as ações técnicas mais simples; a percepção é, também, uma forma de conhecimento e de ação fundamental para as artes. Pela arte um “outro” mundo pode ser criado, pela simples alteração que provoca em nossa percepção cotidiana e costumeira.<sup>1</sup>

A percepção envolve a personalidade do sujeito, sua história pessoal, sua afetividade, desejos e paixões. Envolve a vida social, isto é, os significados e os valores das coisas percebidas decorrem de nossa sociedade e do modo como nelas as coisas e as pessoas recebem sentido,

---

\*Mestranda em História Cultural na UFSC, bolsista CAPES, sob a orientação do prof. Dr. Valmir Francisco Muraro

valor ou função.<sup>2</sup>

Como princípio de conhecimento capacita o ser a hierarquizar a natureza, realizar escolhas e a criar sistemas sociais que determinarão ao grupo regras e normas de conduta. De forma bastante simplificada estamos falando do processo de criação da cultura, marca indelével de particularidade e distinção entre os diferentes povos em tempos históricos também diversos.

A percepção é, assim, uma relação do sujeito com o mundo exterior. Sendo este mundo, qualitativo, significativo, estruturado, receberá, dos homens, sujeitos ativos, novos sentidos e valores na interação homem-mundo. Nesta relação o homem cria e recria suas relações com o mundo constantemente. A percepção é uma conduta vital, uma comunicação, uma interpretação e uma valoração do mundo, a partir da estrutura de relações entre o corpo e o mundo.<sup>3</sup>

Inicialmente processo individual, a percepção elabora cultura enquanto fenô-

meno coletivo. Os homens, dotados destes canais de contato com a natureza, elaboram os quadros referenciais de valores, gestos, ritos, gostos, normas, mitos, enfim os elementos formadores da cultura.<sup>4</sup>

Quando uma cultura apodera-se de uma outra cultura por força ou por outro meio, instaura-se um processo chamado aculturação.

Um grupo envolvido em um processo de aculturação passará, antes de mais nada, por uma adaptação às regras do novo modelo social que se instaura. Esta adaptação insere-se num campo perceptivo, pois trata-se de uma relação complexa entre o corpo-sujeito e os corpos-objetos num campo de significações visuais, tácteis, olfativas, gustativas, sonoras, motrizes, espaciais, temporais e lingüísticas.

A aculturação vista pela ótica da percepção, abre espaço para novos campos de análise e, principalmente, para que elementos cotidianos dotados de grande simplicidade contribuam e enriqueçam a compreensão de processos históricos a que estiveram sujeitos determinados povos.

À luz desta ampliação do conceito de percepção, realizou-se uma re-leitura da correspondência jesuítica concernente às missões paraguaias (desenvolvidas entre os séculos XVI e XVIII), em busca dos

registros das alterações ocorridas no campo perceptivo.

A História das Missões Jesuíticas do Paraguai tem início em 1607, ano de criação da província que compreendia, na época, territórios dos atuais Paraguai, Argentina, Chile e parte dos estados brasileiros do Paraná e Rio Grande do Sul.

Os jesuítas europeus recebiam uma formação bastante aprimorada e rígida nos dogmas da Igreja católica e desenvolveram um papel fundamental na expansão ao Novo Mundo. O catolicismo, seja como religião, seja como expressão política, estava certamente comprometido ante o bloqueio reformista que empolgava a Europa e ameaçava de isolamento os países peninsulares, redutos do credo de Roma. A expansão para a América se constituiu, portanto, numa grande estratégia associada a busca de novos fiéis, de riquezas e de poder. Confiado à Companhia de Jesus a tarefa de superintender a operação de cobertura ideológica da colonização, os jesuítas se estenderam também ao exercício de poder civil, militar e econômico, como ocorreu no território das Reduções.

Os acontecimentos inscritos na História Missioneira inserem-se no período histórico conhecido como Barroco, que teve sua máxima expressão no decorrer do século XVII. Europa e a América, em tempo de colonização, encontravam-se

em sintonia, permitindo perceber as práticas evangelizadoras como produto deste tempo barroco.

Se o Barroco primou pela exaltação, sedução e apelação aos sentidos, da mesma maneira, as práticas desenvolvidas pelos missionários trilharam por este caminho. O auxílio das fontes confirma a intenção missionária de evangelizar com as armas desenvolvidas dentro do pensamento, da cultura barroca como, também, demonstra como a cultura do barroco e os métodos propagandísticos da Contra-Reforma utilizaram meios que falavam alto aos sentidos para imprimir sua marca, seu ideário, sua ideologia.

Num mundo desencantado pela cosmologia copernicana, dividido pela Reforma, os jesuítas descobriram a força educativa da arte e dela fizeram uso como nenhuma outra ordem religiosa o fez.

A pedagogia jesuítica será transportada para a América adaptando-se ao novo cenário e a uma platéia especial. Nas Missões, a barroca alma católica se empenhara em converter a alma Guarani.

Armados de um extraordinário método pedagógico que são os Exercícios Espirituais, os jesuítas desejavam seduzir a alma Guarani. A prática dos exercícios coordena a ação missionária da Companhia de Jesus em todos os recantos do mundo.

Roberto Gambini<sup>5</sup> considera os exer-

cícios Espirituais um manual de disciplinamento do espírito visando total controle das emoções e sensações.

Através da seguinte passagem dos exercícios, pode-se ter uma idéia do conteúdo e intenção desta obra de Santo Inácio (1492-1556) :

*Com os olhos da imaginação, veja-se o comprimento, a largura, e a profundidade do inferno...as imensas chamas de fogo que encobrem as almas, como se fossem corpos que estão cremados. (Ouça-se): os choros, os urros, os gritos, as blasfêmias...(Cheire-se): a fumaça, o enxofre e as coisas em estado de putrefação... (Experimente-se com o paladar): as lágrimas, a tristeza, o verme da consciência... (Toque-se): as lavas de fogo que envolvem as almas e que as queimam.<sup>6</sup>*

Segundo Gustav Hocke, tais práticas levavam inferno e morte à idéia, à imaginação, como se idéias horrorosas fossem projetadas por uma lanterna mágica no quarto meditativo da consciência.<sup>7</sup>

Veja, ouça, cheire, prove, toque. Inácio de Loyola educa os sentidos transformando o corpo em laboratório, através deste método de imaginação ativa. Sabedor da percepção do corpo, ciente

da mediação que o corpo realiza com o mundo, o cristão deveria trancá-lo com as chaves da consciência.

A formação jesuítica almejava que seus missionários alcançassem um total controle das próprias emoções e sentidos. No entanto, junto aos pagãos da América, enquanto método de conversão, a percepção deverá ser provocada obtendo, como resposta, a receptividade à mensagem cristã. Esta é a escola jesuítica. Que os infieis desabrochem ante a visão da verdadeira fé a ao toque da Palavra Santa.

A experiência jesuítico-guarani caminhou pelas sendas do sensível, através de uma cuidadosa escolha de elementos que atuaram sobre os sentidos, em conjunto com todas as demais novidades introduzidas pelo europeu: uma conversão que tocou os olhos, os ouvidos, o paladar, enfim o corpo guarani com o *novo* que os missionários representavam.

Reduzido em seu universo, pelo processo de aldeamento, os Guarani estarão expostos a um novo mundo que requererá uma nova maneira de lê-lo. Sua percepção contatará com os instrumentos catequéticos habilmente utilizados pelos jesuítas, como as imagens, a música, os espetáculos de dança, as festas, as procissões. Abandonarão os meios que até então lhes trouxeram a subsistência e alte-

rarão os hábitos alimentares bem como as noções espaço-temporais que até então regiam seu cotidiano.

A apropriação de expressões próprias da cultura nativa também fizeram parte das artimanhas de conversão. A música, a dança, o canto cerimonial e sua coreografia foram expressões observadas com atenção pelos jesuítas em cada tribo que tentaram evangelizar. Delas fizeram uso como meio de comunicação prática. Se, de início, conservaram partes de sua essência, o propósito final era, gradualmente, corrigir seu conteúdo substituindo-o pelo conteúdo evangelizador.

Como estratégia dentro do projeto de educação missionária, a comoção desempenhou papel fundamental. Desde a concepção até a organização e execução de qualquer atividade, o pensamento balizador era: convencer para educar.

Sobre o uso da comoção, assim escreve o padre Antônio Sepp, missionário fundador da redução de São João Batista:

*Além disto, procurei suscitar sentimentos de piedade em nossos índios por meio de cenas teatrais acomodadas a esta gente rude. Na redução de Santo-Inácio, encenei com rara felicidade os Primórdios da vida de nosso santo Padre. Embora tivesse empregado apenas oito dias, represen-*

*taram tão habilmente os seus papéis, que a gente os julgaria atores europeus, e não índios incultos e achavascados. Todos se tomaram de pasmo, e os olhos se rasaram de sentidíssimas lágrimas.*<sup>8</sup>

Um local privilegiado de manutenção da cultura de um povo é sua língua. A língua guarani recebeu especial atenção por parte de Ruiz de Montoya. Seus trabalhos lingüísticos são considerados por Bartomeu Melià<sup>9</sup>, especialmente o *Tesoro de la lengua guaraní* (1639) e o *Catecismo de la lengua guaraní* (1640), a melhor etnografia Guarani.

Sobre o processo de aprendizagem da língua guarani assim refere-se Montoya:

*naquele povoado fiquei alguns dias, administrando aos índios os sacramentos, e, com o curso ininterrompido de falar e ouvir a língua deles, consegui facilidade nela.*<sup>10</sup>

Em alusão ao idioma, Antônio Sepp apresenta muita contradição em sua correspondência. Diferentemente de Montoya seu contato com as populações Guarani se dão numa época mais avançada do desenvolvimento das reduções. Sobre o uso da língua nos espetáculos, escreve Sepp:

*... não falavam espanhol e muito menos latim, mas a língua nativa do Paraguai, por vezes em verso, nos denominados entre-atos. [...] Tudo isto até agora lhes era coisa nova e inaudita. Aliás, nem podiam imaginar como sua língua bárbara, inculta e tão difícil de pronunciar, pudesse ser apta para levar à cena tais episódios da vida dos santos, e muito menos de exprimir harmonias musicais*<sup>11</sup>

Em páginas anteriores, o mesmo Sepp diz:

*Entre todas as línguas, a mais importante para nós é o Guarani. É muito difícil de ser compreendida e não tem a mínima semelhança com o espanhol, alemão ou latim. É uma língua bem original.*<sup>12</sup>

Por vezes equivocadas mas constantes na correspondência jesuítica, são as referências à preocupação com os meios eficazes que levariam os Guarani à conversão. A força da percepção visual para a efetivação de aprendizagens levou o padre Sepp a alegar que:

*Ao ler estas cousas quase incríveis, perguntará, com toda razão, algum leitor europeu curioso, quem pôde civilizar a tal ponto entes bugres estúpidos e broncos? Res-*

*pondo eu: na verdade, são estúpidos, broncos, bronquíssimos estes nossos selvícolas para todos os assuntos espirituais, para tudo que reclama trabalho mental e que não se pode ver com os olhos*<sup>13</sup>

Na linguagem visual das reduções, os olhos Guarani estarão em contato com imagens que, em sua grande maioria, com certeza, não despertarão prazer mas o temor educativo, as visões aterrorizantes do inferno, de criaturas diabólicas, da dor e do sofrimento dos pecadores.

O prazer e a dor quando visíveis penetram fundo no imaginário Guarani.

Em sua estadia na missão de Yapeyú, Antônio Sepp dá um exemplo da força poderosa que as imagens tiveram na alma guarani. Ele próprio relata o episódio da índia suicida. Imitando a imagem de um quadro existente na igreja de Yapeyú, uma jovem tira sua própria vida. Tratava-se de uma imagem da Madre Dolorosa que tem seu coração transpassado por sete espadas. Na edição crítica das obras do Pe. Sepp, esta descrição vem acompanhada da seguinte explicação: *a pobre mulher não entende o caráter simbólico das espadas, pois os índios são almas cândidas*.<sup>14</sup>

*Dos cinco sentidos, somente a audição (referida à linguagem) rivaliza com a visão no léxico do conhecimento, escreve Marilena Chaui no artigo Janela da*

*alma, espelho do mundo*<sup>15</sup>.

Nas missões, Antônio Sepp, acalenta expectativas de uma conversão musical pois,

*se ainda houver quem considera a estes coitados ineptos para especulações metafísicas, reconheça ao menos neles um tino prático para serviços mecânicos e, sobretudo, uma propensão rara para a música. Esta última os torna sobremaneira dóceis. Deste modo, criaturas boçais que são e incapazes de compreender as cousas do espírito, entrar-lhes-ão pelos ouvidos as verdades fundamentais da fé católica*<sup>16</sup>.

A conversão é, antes de mais nada, apoderar-se do corpo Guarani. O Deus cristão habitará sua alma após trilhar sendas de olhos e ouvidos.

A trajetória até o momento desenvolvida busca compreender, iluminada pelo conceito de percepção, esta alma barroca e a pedagogia jesuítica

A associação entre a prática conversiva e a percepção almeja uma ampliação e aprofundamento do fenômeno da conversão a que foram submetidos os grupos indígenas, em especial, os Guarani.. Talvez, a trajetória da flecha ao alvo, no caso específico das missões, se dê, antes de mais

nada, pela via de uma conversão dos sentidos.

## BIBLIOGRAFIA

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 1997.

GAMBINI, Roberto. *O Espelho Índio. Os jesuítas e a destruição da alma indígena*. Rio de Janeiro: Espaço & Tempo, 1988.

HOCKE, Gustav R. *Maneirismo: O Mundo como Labirinto*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

MELIÀ, Bartomeu. *El Guaraní Conquistado y Reducido*. Asunción: Biblioteca Paraguaya de Antropología, 1986.

MONTOYA, Antonio Ruiz de. *A Conquista Espiritual*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997.

SEPP, Antônio. *Viagem às Missões Jesuíticas e Trabalhos Apostólicos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

\_\_\_\_\_. *Continuación de las Labores Apostólicas*. Buenos Aires: EUDEBA, 1973.

## NOTAS

(1) CHAUÍ, Marilena. Convite à Filosofia. São Paulo: Editora Ática, 1997, p.123

(2) Idem. p.123

(3) Op.cit. p. 123

(4) Segundo Marilena Chauí, Husserl amplia o

conceito de fenômeno, assim, os resultados da vida e da ação humana, ou seja, a Cultura, são fenômenos, isto é, significações ou essências que aparecem à consciência e que são constituídos pela própria consciência. Op.cit. p.238

(5) GAMBINI, Roberto. O Espelho Índio. Os jesuítas e a destruição da alma indígena. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo. p.98

(6) HOCKE, Gustav R. Maneirismo: O Mundo como Labirinto. São Paulo: Perspectiva, 1974.p.103

(7) Idem p.103

(8) SEPP, Antônio. Viagem às Missões Jesuíticas e Trabalhos Apostólicos. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988, p.243

(9) Para maiores informações sobre o modo de ser guarani na primeira documentação jesuítica. Ver: MELIÀ, Bartomeu. El Guaraní Conquistado y Reducido. Asunción: Biblioteca Paraguaya de Antropología, 1986

(10) MONTOYA, Antonio Ruiz de. A Conquista Espiritual. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997, p.41

(11) Op.cit. p.243

(12) Idem p. 123-24

(13) Idem p.245

(14) SEPP, Antônio. Continuación de las Labores Apostólicas. Buenos Aires: EUDEBA, 1973.p.20

(15) Op.cit. p.37

(16) Op.cit. p.248

## **NORMAS PARA OS COLABORADORES**

**1** - Os originais devem ser encaminhados à Associação de Amigos do Arquivo público em disquete, em programa Word 6.0, com uma cópia impressa. Usar padrão formatação padrão.

**2** - Em seguida do nome do autor, deve constar informação sobre formação e vinculação institucional, com no máximo 5 (cinco) linhas.

**3** - Notas, citações, referências e bibliografia devem estar de acordo com as normas da ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas, devendo as mesmas estarem ao final do artigo.

**4** - A correção ortográfica e gramatical dos textos submetidos é de responsabilidade dos autores.

IMPRESSÃO



**IOESC**

IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO  
DE SANTA CATARINA

Fone: (48) 239-6000